



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Ministro Heli de Quadros*

30/09/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Fábio de Oliveira Quadros (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo e filho do homenageado)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Dr. Jorge Alberto Quadros de Carvalho Silva (neto do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Artur Marques da Silva Filho (Presidente da Seção de Direito Privado do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o ministro **Heli de Quadros**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

A integridade e a dedicação à Justiça presentes na vida do Ministro Heli de Quadros foram lembrados por magistrados e familiares, em evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**, realizada no Salão do Júri do Palácio da Justiça.

Heli de Quadros nasceu em Cajobi (SP) em 1910. Ainda muito jovem, trabalhou em Cartório de Registro Civil e Tabelionato. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, turma de 1937. Advogou e lecionou na cidade de Olímpia. Ingressou na Magistratura em 1943 e trabalhou em Orlandia, Bariri, Pinhal, Bragança Paulista e na Capital. No ano de 1969, foi promovido a ministro do Tribunal de Alçada Civil e, em seguida, ingressou no Tribunal de Alçada Criminal, onde se aposentou quatro meses depois.

O desembargador **Fábio de Oliveira Quadros**, filho do homenageado, foi orador em nome da Corte e destacou a trajetória profissional do pai. “Sua passagem por este mundo foi e será lembrada pelo amor à família, ao trabalho e ao modo simples e recatado de viver. Dizia-me sempre: ‘com a honra não se transige’.”

Há mais de 120 anos, Angelo de Quadros Bittencourt e Sá iniciou, ainda em Montes Claros – MG, escrita de um livro diário onde anotou dados relativos a seus pais, Angelo de Quadros Bittencourt, Barão de Gorutuba, e Isabel de Sá, seus dois casamentos e respectivas proles.

Ao se referir à segunda delas, tida com Etelvina de Quadros, fez constar que, em 18 de julho de 1910, às 5 horas, em Cajobi – SP, nascera seu nono filho, Heli, que veio à luz, empelicado, em pleno Cartório de Registro Civil e Tabelionato que estava sendo instalado por Angelo de Quadros, seu primeiro titular, desde 13 de março de 1910.

Ao se referir ao fato de ter nascido em pleno cartório, Heli dizia “*e nunca mais deixei essa vida*”.

Com efeito, como indica certidão de contagem de tempo anotado pelo nosso Tribunal de Justiça, a partir de 1º de setembro de 1926 até 19 de setembro de 1934, exerceu as funções de Auxiliar de Cartório e, de 20 de setembro de 1934 a 31 de dezembro de 1936, de Escrevente habilitado no 2º Tabelionato da Capital (Cartório Liberato) ao qual sempre se referiu com muita saudade e gratidão.

Entre 02 de março de 1937, ainda acadêmico, e 06 de março de 1939, já formado, foi estagiário do Ministério Público e Promotor Público Interino.

Completo seu curso de Direito na Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco, em 1937, colando grau em janeiro do ano seguinte, inscrevendo-se na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção São Paulo, sob nº 3058.

Após, e até abril de 1943, advogou na cidade de Olímpia, onde também lecionou. Em suas lembranças cuidava com carinho das figuras dos Doutores Francisco Bernardes, o “Chico Bernardes”, advogado provisionado, Gerônimo de Almeida, Cruz Martins e do amigo Ítalo Galli.

Foi lá, em 21 de setembro de 1940, que se casou com a jovem e formosa catarinense Carmen Bulle de Oliveira que passou a assinar Oliveira Quadros.

Dessa união nasceram, ainda em Olímpia, Helina e Maria Cecília, em Bariri, Fábio e, em São Paulo, Carmen Silvia.



Na edição de 1943, a então prestigiosa revista “Paisagens do Brasil” publicou matéria assim lavrada:

“Dr. Heli de Quadros

O Dr. Heli de Quadros nasceu na hoje cidade de Cajobi, desta Comarca, então vila do município de Barretos, no dia 18 de julho de 1910. É filho do saudoso advogado e fazendeiro Sr. Angelo de Quadros Bittencourt e de sua Exma. Esposa D. Etelvina Augusta de Quadros, ainda residente nesta cidade, sendo neto ao lado paterno dos Barões de Gorutuba e, do lado materno, do Capitão José Nunes Brigagão e de D. Ana Brigagão. É casado com a Exma. Sra. D. Carmen de Oliveira Quadros, tendo duas filhas: Helina e Maria Cecília.

Fez o curso de humanidades no famoso ginásio ‘Oswaldo Cruz’ da Capital, revelando, desde logo, um espírito devotado ao estudo e possuidor de altas qualidades morais, o que lhe valeu granjear desde logo especial simpatia e apreço do grande educador Pedro Voss.

Formado em 1937 pela tradicional Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, abriu sua banca de advogado nesta cidade, tornando-se desde logo elemento de destaque no Fôro local tão alcandoradas são as virtudes que demonstrou no exercício da nobre profissão.

Espírito equilibrado, pesquisador incansável dos mais transcendentais problemas do nosso Direito, em brilhante concurso recentemente feito perante o Egrégio Tribunal de Apelação do Estado, após obter o primeiro lugar, foi nomeado para o cargo de Juiz de Direito Substituto, da 11ª secção judiciária com sede em Orlandia.

Ao ilustre juiz que com seu caráter ímpoluto e sua adamantina inteligência honrará a Magistratura Paulista, as homenagens de ‘Paisagens do Brasil’ ”.

E o vaticínio se cumpriu!

Sua carreira na Magistratura iniciou-se em 07 de abril de 1943 como Juiz de Direito Substituto da 11ª então Secção Judiciária com sede em Orlandia, gentilmente recepcionado pelo Juiz Titular Dr. Humberto de Andrade Junqueira.

Em 20 de março de 1945 foi promovido a Juiz de Direito de Bariri, em primeira entrância e, em 17 de dezembro de 1951, para a comarca de Espírito Santo do Pinhal (2ª entrância), seguindo-se, em 30 de março de 1954, sua promoção para Bragança Paulista (3ª entrância), cidades que deixaram indelévels e boas lembranças em toda a família.

Para a comarca da Capital do Estado e na então 4ª entrância, foi promovido para a Vara das Execuções Criminais (06 de setembro de 1956) e, através de permuta com o Juiz Valentini Alves da Silva, em 16 de outubro de 1956, assumiu a 2ª Vara Criminal da Capital onde nela deu-se a promoção Vara Entrância Especial.

Auxiliou concomitantemente em Câmaras Criminais do Tribunal de Justiça até sua promoção para o Tribunal de Alçada Civil (11/6/69), removendo-se, a seguir, para o Tribunal de Alçada Criminal onde veio a se aposentar no dia 24 de outubro daquele ano.

O incansável trabalho sempre o acompanhou, desde menino, quando, após a repentina morte de seu pai, com cerca de 15 anos de idade, teve que deixar Olímpia para, com dois outros irmãos mais velhos, trabalhar e ajudar na subsistência da família que lá ficara.

Hospedado em uma pensão no bairro de Campos Elísios, chegou a dormir no chão, sobre jornais velhos e, após o trabalho, com a janela aberta para receber a luz provinda da rede pública e os pés descalços em uma bacia com água fria para não adormecer, estudava até altas horas.

Manteve sempre o mesmo ritmo até mesmo no exercício da Magistratura. Após assumir sua primeira comarca, Bariri, em 1945, não gozou de férias até 1956, quando veio para a Capital.



Não raro interrompia férias que se seguiram para atender a convocações do Tribunal de Justiça para auxiliar em suas Câmaras Criminais.

A velha máquina de escrever Royal metralhava dia e noite.

Mas toda essa dedicação ao enfrentar a hercúlea atividade laboral acabou por atingir sua saúde a ponto de fazê-lo aposentar precocemente.

Mesmo assim, manteve a mesma conduta exigida dos Magistrados.

Dizia-me sempre “*com a honra não se transige*” e foi assim que se conduziu até insidiosa doença o levar em 06 de julho de 1985, poucos dias antes daquele que seria seu 75º aniversário.

Sua passagem por este mundo foi e será lembrada pelo amor à família, ao trabalho e ao modo simples e recatado de viver, enfim, deixou rastro que não se apaga em nossas mentes, como o cometa Halley, com o qual veio e com o qual se foi.

Obrigado.

O juiz **Jorge Alberto Quadros de Carvalho Silva** falou em nome da família e lembrou das experiências que compartilhou com o homenageado:

Exmo. Sr. Presidente do E. TJSP, Desembargador José Renato Nalini, Exmo. Sr. Desembargador Fábio de Oliveira Quadros, cara família, tios, primos e amigos.

Queria, de antemão, agradecer ao nosso Presidente pela iniciativa de homenagear grandes magistrados do Tribunal de Justiça, de onde saíram notáveis juristas para integrar o Supremo Tribunal Federal, mas para onde também foram promovidos muitos juizes que fizeram da toga um verdadeiro sacerdócio, entre os quais nosso avô, pai, tio e agora bisavô – Heli de Quadros.

Tenho a honra de falar e agradecer em nome da família Quadros.

Heli de Quadros.

Vovô Heli – já que falo pela família.

E falo, naturalmente, sob o meu ponto de vista, minha ótica, meu subjetivismo, mas com amor e carinho.

Meu avô Heli aposentou-se como Ministro do Tribunal de Alçada Criminal em 1969, quando eu, neto mais velho, tinha apenas dois anos.

Cresci ouvindo relatos da magistratura, feitos principalmente por minha saudosa e querida avó Carmen de Oliveira Quadros, esposa de meu avô.

Cresci ouvindo minha avó falando, com muito orgulho, da magistratura, da carreira de meu avô, de seu trabalho e do respeito que por ele tinham os jurisdicionados.

Dizia vovó que meu avô Heli, por ter começado a trabalhar com 14 anos, no cartório do pai dele, tinha tantos quinquênios que passara a despertar na magistratura a curiosidade de saber quem seria aquele juiz de São Paulo que tinha vencimentos superiores aos dos Ministros do Supremo.

Cresci admirando o magistrado que meu avô tinha sido e repetindo, inocentemente, que queria ser igual ele, para “mandar os bandidos para a cadeia” – história contada por uma babá minha, que me descobriu duas décadas depois, em Ribeirão Pires, depois de ler meu nome num edital, pendurado no cartório eleitoral, onde ela trabalhava.



Assim cresci num ambiente propício para o direito.

Então, veio o tio, Fábio de Oliveira Quadros, tornar-se juiz, tal como o pai, para a alegria e o orgulho de todos, especialmente para o contentamento de meu avô.

Já a carreira de meu tio pude acompanhar de perto. Embora criança, adolescente e, depois, jovem, pude viajar para conhecer as comarcas por onde ele fazia carreira, como Jaú, Ourinhos e Barretos, até encontrá-lo um dia, no Fórum de Pinheiros: ele como juiz titular da 1ª Vara da Família e Sucessões, eu como juiz auxiliar da Capital e Coordenador do Juizado Especial Cível daquele mesmo Fórum.

Quem diria que um dia fôssemos trabalhar juntos sob o mesmo teto da Justiça?

Dois magistrados, portanto, inspiraram-me a magistratura. Mas hoje é dia de falar do avô.

O vovô Heli que torcia para o São Paulo Futebol Clube, onde tinha cadeira cativa e para onde me levou para ver meu primeiro jogo de futebol, mesmo eu sendo corinthiano: São Paulo x Corinthians.

O vovô Heli que, logo depois da inauguração do metrô, me levou para conhecê-lo e nele passear em direção à zona norte, lugar até então completamente desconhecido para mim.

O vovô Heli que organizava todas as festas de Natal e Reveillon, em sua casa, sempre com muita dedicação, para a alegria e a felicidade da família, e hospedava a todos, de uma só vez, em seu apartamento no Guarujá, sem excluir ninguém.

O vovô Heli que nos levava para passear em seu Ford Galaxy cinza, com bancos vermelhos de couro, e nos fazia rir quando se deparava com algum barbeiro no volante – coitado deste!

Como reverenciava meu avô.

Talvez por ser o neto mais velho, tive o privilégio de, em finais de semana, quando criança, dormir no quarto de meus avós, em cama de armar, onde aprendia a rezar com minha avó.

Como neto mais velho, tive o privilégio de, durante 18 anos, acompanhar por mais tempo a vida de meu avô, a fim de, hoje, poder contar um pouquinho da vida dele.

Foram dezoito anos que me influenciariam a vida inteira. O amor pela música clássica veio de minha avó Carmen, cujo nome significa poema em latim, nome dado a ela em homenagem à obra de Bizet. Já o amor pela Justiça veio de meu avô Heli, cujo nome significa “Senhor” em hebraico. Enfim, o amor pela família veio de ambos os avós, ao mesmo tempo, os quais viveram dedicando-se aos filhos, netos e bisnetos.

Tive sorte de conhecer o lado espirituoso de meu avô Heli e vê-lo o quanto era querido na sua família e na família de minha avó Carmen.

Tive sorte de ganhar dele livro com dedicatória, que guardo com todo carinho.

Não tive sorte por ele não me ter visto ingressar na mesma Faculdade de Direito em que se formara em 1937, nas Arcadas.

Vovô faleceu em 6 de julho de 1985, um mês e meio depois da notícia fatídica dada por um médico à família. Um dia de muito frio, num ano muito conturbado politicamente e difícil.

Tancredo Neves, esperança de milhões de brasileiros pelo fim da ditadura militar, morrera poucos meses antes, naquele mesmo Instituto do Coração.

Era ano de mudança, ano de transição, ano de transformação, especialmente para mim, no último ano do colegial, com exame vestibular chegando. Ano de pressão, de luto, de estudo, de novidades. Ano de tirar carta para dirigir, de alistamento eleitoral, mas também ano de alistamento militar.



Todavia, assim mesmo estive ao lado de meu avô em quase todos os momentos de seu último capítulo, acompanhando passo a passo as internações e as visitas cada vez mais frequentes em sua casa, dentre as quais a de seu grande amigo Dr. Ítalo Galli.

Até que, no último leito, meu avô já sem sentido, sussurrei-lhe no ouvido, com a esperança de que pudesse compreender minhas palavras – Vô, prometo que vou entrar na São Francisco – o que aconteceria apenas seis meses depois.

E então Heli de Quadros, à véspera de completar 75 anos, partiu, depois de ter cumprido sua missão na terra.

Poucos dias depois de sua morte, em 9 de julho de 1985, escreveu de Olímpia-SP, para minha avó Carmen um amigo da família, conhecido por Junqueira:

“É com bastante tristeza que te escrevo esta, após saber do falecimento do meu bom e querido amigo Heli. (...) fiquei realmente triste pela perda de um (...) amigo (...) na qualidade de Juiz, íntegro como os mais íntegros que ainda São Paulo possui. Aproveitando este assunto, sei também que um de seus filhos é Juiz e que muito naturalmente seguirá os passos do pai: sério, correto, íntegro também (...).

Quanto ao caro Heli, tal era a sua pureza de alma e pai caridoso como marido extremoso, digo-te que ele era merecedor de tudo que fosse bom e por esse motivo, devo até pensar, que: morre uma vida querida na terra e no mesmo instante, nasce uma estrela no firmamento, que brilhará tão bem quanto ele brilhou neste mundo de alegrias (...).

Da minha parte, poucos dias depois de sua morte, escrevi o seguinte poema:

*“Caminhando à noite para casa...
Foi naquele dia que eu vi o Céu...
Agora poderei contar-lhe,
Pois ei-lo ao luar...
...quando veio a nós o vosso Reino.*

*Vô meu que está no Céu,
que é uma Estrela e nunca morreu...*

*Estava eu voltando para casa,
sem sol sem chuva,
sozinho na rua,
durante bela noite,
já era tarde...*

*Havia descido de um ônibus lotado
sob maravilhoso Céu estrelado,
clima raro em São Paulo.
Era inverno, mas
verão parecia aquela noite.*

*Quando olhei ao meu norte,
vi um “sol” brilhando
e forte:*

*– Que grande inspiração!
Que maravilha de farol! Chamejava aos meus olhos sedentos
de emoção.*

Olhei e vi que era uma ESTRELA.



Ela dizia,
ao som da Sonata ao Luar,
que eu seria grande.
Ela é o meu AVÔ.

– Que saudades do futuro!
Aquele tempo em que Ele
me viu juiz.

Vô, ôô, vovô, Voa longe,
que nem o Pássaro de Minerva.
Pega carona com Halley, o cometa.

Tão grande é o meu Avô,
tão pequeno como aquela estrelinha,
na verdade, o patriarca
de sua própria galáxia.

É um sol
SOL
ESTRELA
PAZ

Naquela noite, passeando, vii,
teu neto que se sente vadio,
que aliás vadiava na via,
enquanto cantava a tua memória,
– vii A ESTRELA do ontem
do hoje
do amanhã
sem tempo...

“VOVÔ, É PORQUE DEIXOU-ME TEU
RELÓGIO COMO LEMBRANÇA”.
Por isso, Heli não mais
tinha tempo.
(julho de 1985)

Assim Heli de Quadros passou a ser uma Estrela do Norte para mim para a minha carreira, símbolo de justiça, integridade e retidão irretocáveis.

Nome que passou a representar honra, trabalho, coragem, tradição, justiça e determinação.

Nome que passou a representar, acima de tudo, amor e dedicação à família, como ele deixou claro em momento máximo de sua carreira, no discurso de posse feito Tribunal de Alçada Civil em 1969:

“Ao ver-me empossando no cargo de Ministro deste Egrégio Tribunal de Alçada Civil, sinto justificado orgulho. É que se trata de um dos mais renomados colegas deste país, onde esplendem o labor da interpretação das leis e a distribuição final da justiça, por Ministro de sua competência.

Aqui aporto depois de longo estágio na primeira instância, cerca de vinte e seis anos, inteiramente devotado à magistratura e a que consagrei a mais pura fidelidade. Não fui outra coisa que juiz, cidadão e chefe de família. Dei de mim o que de possível, dentro de minhas limitações, seria lícito esperar. Tenho a certeza, no entanto, de que até agora exercia judicatura com altivez e dignidade. Por isso, este momento é de



plena felicidade para quem, modesto juiz, se vê elevado ao cargo de Ministro deste Colendo Tribunal.

À minha família, especialmente, à minha esposa e a meus filhos, a gratidão pelo incentivo nos bons e maus instantes de minha vida”.

Hoje, passados 46 anos, aqui todos presentes, filhos, noras, genros, primos, netos, bisnetos, sobrinhos, e amigos, podemos conferir, simplesmente com os olhos, que a vida de Heli de Quadros tanto frutificou que fez criar rico e extenso pomar.

Do fundo de nossos corações, agradecemos ao Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça, Desembargador José Renato Nalini, esta oportunidade tão ímpar e significativa, concedida para que possamos renovar nossas crenças e convicções.

Muito obrigado Senhor Presidente.

O presidente da Seção de Direito Privado, desembargador Artur Marques da Silva Filho, representou o presidente do TJSP, desembargador José Renato Nalini. Ao encerrar a cerimônia, ressaltou a importância do resgate da memória de grandes vultos do Tribunal de Justiça.

“Quero agradecer ao Presidente José Renato Nalini a distinção de haver permitido que eu profira algumas palavras, em nome do Egrégio Tribunal de Justiça, por ocasião desta justa homenagem feita ao Ministro Heli de Quadros. *A história*, diz Cícero, *é a mestra da vida*, e do auxílio dessa professora temos mais necessidade que nunca. Daí a importância do resgate grandes vultos deste Tribunal, resgate esse que a exitosa “Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante” felizmente tem permitido.

A homenagem do dia de hoje comove-nos por duas razões. A primeira e mais evidente é a figura e o exemplo do homenageado, cuja lembrança nos tem tanto a ensinar. A segunda liga-se a quem presta a homenagem. Como sabemos, a justiça consiste em dar a cada um o que é seu. Há três casos, porém, em que o dever de justiça supera todas as forças humanas. O primeiro, perante Deus, na religião: que podemos retribuir ao Senhor que nos criou? O segundo, perante as autoridades, na prestância: como podemos recompensar a quem governa, quando, sacrificando-se, entrega sua vida em benefício da comunidade? O terceiro, perante nossos pais, na piedade: como podemos agradecer condignamente aqueles que nos deram a vida? Pois bem: nesta noite festiva o desembargador FÁBIO DE OLIVEIRA QUADROS desobrigou-se de parte de seu dever de piedade, e deu-nos um exemplo de como honrar a memória de um pai. Portanto, receba Vossa Excelência não só o protesto de nossa admiração, mas ainda o nosso sincero agradecimento por essa bela lição”.

Muito obrigado a todos.

Também prestigiaram o evento o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o ouvidor do TJSP, desembargador Mohamed Amaro; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; as filhas do homenageado Helina Quadros Paes de Barros, Maria Cecília Quadros Carvalho Silva e Carmem Sílvia de Oliveira Quadros; a nora Maristela; os genros Jorge Fauze e Antonio Federico; os netos Daniel, Maria Stella, Paulo Guilherme, Ana Carolina, Fernanda, Rafael, Luis Felipe, Antonio e Augusto; os bisnetos Joana, Luiz Felipe, Sophia Helena, Isadora Christina e Maria Theresa; demais familiares, autoridades civis e militares, magistrados, membros do Ministério Público, defensores públicos, advogados, convidados e servidores.

